

# O Incêndio da Prefeitura de Blumenau

*Theobaldo Costa Jamundá*

Eu via a Prefeitura de Blumenau incendiada, antes mesmo que qualquer jornal noticiasse. — Voltando de Brusque para Indaial ainda no agradável da festa, um dos eventos, comemorativos do centenário dos brusquenses, frente à brutalidade do que via, gritei para dentro de mim mesmo: meu Deus!

— O esqueleto da armação do telhado que os soldados-do-fogo defenderam embora agredido com violência mantinha-se na forma da carpintaria.

— Arrumando pensamentos convivente num pesadelo, acudiu-me pancada forte no pensamento indo na referência para o sofrimento dos amigos guardiães dos bens culturais. — Exatamente, na ala onde estava o Arquivo! — Quantas vezes repeti a constatação nem lembro. Fiquei repisando como batendo num pilão, qual o tamanho da amargura mental dos meus amigos conviventes conscientes com a perda documental da História Catarinense com marca da vida blumenauense.

Dopado na lamentação, continuei minha caminhada, assim como espancado. — E mais frio senti naquela madrugada do dia oito de novembro de 1958. Entretanto não fui tão insultado e agredido pelo incêndio, como o foram a escritora Christiana Deeke Barreto, que era a arquivista enamorada dos bens merecedores de seu zelo; o frei Ernesto Emmendoerfer, O.F.M., um inimitável e percuciente caçador de peças e marcas das colonizações da Bacia do Itajaí, que além de ter preparado o livro do “CENTENÁRIO DE BLUMENAU”, estava, franciscanamente, organizando uma consciência grupal para a preservação de bens culturais, e além de tudo, era o presidente da Sociedade Amigos de Blumenau; e o professor Orlando Ferreira de Melo, que à época era o secretário da sociedade mencionada, e aplicava inteligência e talento com dedicação modelar.

— O professor Orlando com a escritora Christiana Deeke Barreto eram da vanguarda de preservação dos bens culturais e queriam quanto antes, a instalação do arquivo público em local adequado.

Mesmo no atordoamento localizei os caprichos dos imponderáveis, (Autocráticos caprichos dos imponderáveis) — E reconto mais uma vez só para recontar: poucos dias antes do incêndio desfalcador do acervo cultural (uma das mais graves agressões ao patrimônio da Memória Catarinense) devolvi à diretora do Arquivo as peças que estavam em meu poder por empréstimo. —

E foram: 1. Todos os papéis que compuseram a proposta do dr. Hermann Blumenau, na qualidade de agente da Companhia Protetora de Emigrados Alemães no Sul do Brasil estabelecido na cidade livre e hanseática de Hamburgo. 2. Relatório do agrimensor Augusto Wunderwald dando conta ao dr. Blumenau da exploração dos rios: Testo, Cedros e Benedito, realizada no período de janeiro a março de 1863. 3. Exemplar do Álbum comemorativo do cinquentenário municipal de Blumenau em 1900 (Convém avaliar que Santos Lostada na apresentação daquele, tece comentários sobre os papéis preservados pelo colônizador, concluindo por registrar que: "GRANDE PARTE DESSAS PLANTAS E DOCUMENTOS HISTÓRICOS, COM QUE DESVELADAMENTE ENRIQUECEU O ARQUIVO DA RESPECTIVA MUNICIPALIDADE, LEVARAM SUMIÇO IMPERDOÁVEL."

— E foram devorados com outros manuseados por mim em outras visitas pelo fogo da noite de oito de novembro de 1958.

A lamentação sedimentada com maior certeza dimensionada numa sedimentação de 27 anos, é uma perda na mais pura definição do que se entende por perder.

— Só quem viu com olhos de querer ver bem, sabe o prejuízo que foi se perder os textos informativos reunidos em volume pelo mestre escola Max Humpl com a colaboração eficiente de Theodor Lüders e ilustração de Maria Wohlmuth: tais informações existiam sob o título A CRÔNICA DE ITOUPAVA-SECA. — Foi mais que um desfalque a sua perda. — O incêndio apagou, com violência e de modo irrecuperável dados históricos da História de Blumenau.

Devolvidos os papéis mencionados amadureci o propósito de devolver também uns contratos administrativos do prefeito Curt Hering com gente que conservou estradas no então distrito de Indaial. Estes os colhi pesquisando e com eles um exemplar do "ÁLBUM DO CINQUENTENÁRIO — 1850-1900 — BLUMENAU" (Faltando folhas, é verdade, porém uma raridade) — Ia recolhê-los à guarda da escritora e arquivista Christiana Deeke Barreto quando o incêndio aconteceu.

E não faltou o requinte no capricho dos imponderáveis: a minha condição de interessado em tudo que estava relacionado no Arquivo de Blumenau e também de membro da Sociedade Amigos de Blumenau identificava-me como severamente prejudicado, naturalmente. — O requinte foi quando ouvi, pessoalmente, do juiz de Direito de Blumenau, dr. Marcílio Medeiros, que o livro do DR. JOSEPH GOEBBELS, "Diário" fora queimado com sua mesa de trabalho e muitos documentos dos cartórios. — Assim participei também prejudicado: o livro em dois volumes encadernados me fora dado pelo advogado amigo Oslyin Costa (um dos volumes estava comigo) eram

exemplares da 2ª edição em espanhol datada de 1952. — Jamais consegui adquirir o volume que o incêndio da Prefeitura de Blumenau consumiu.

Bato na mesma tecla do ter visto muitos papéis que já eram raridades como, por exemplo, livros manuscritos de registros burocráticos nos quais eram encontradas potencialidades memorialísticas ricas de informações, entre alguns, um deles anotado por Fernando Hackradt na Colônia de Blumenau. — Recordo ter visto documento datado de 1793, com valor oficial, informando sobre a demarcação de terras na área geográfica da Bacia do Itajaí; também levantamentos topográficos, que o engenheiro Emil Odebrecht usou para a orientação da distribuição dos lotes rurais e a formação dos lugares sempre definidos como comunidades luteranas e comunidades católicas, avizinhas porém separadas. — As revistas, as plantas topográficas, as plantas de imóveis, os almanaques e os calendários existiam em quantidades apreciáveis sendo que mais de um exemplar do “KALENDER FÜR DIE DEUSTSCHEN IN BRASILIEN” editado por von Dr. W. Rotermund (Com textos impressos em gótico e artística composição gráfica) em São Leopoldo, RS. — Conteí mais de um exemplar e o mais antigo era de 1898; com os calendários muitos folhetos informativos e amarelados jornais. Todos e tudo num amontoamento aguardando a hora e a vez de passar para a “CASA DR. BLUMENAU”. — E só não o foram porque o incêndio antecipou-se e transformou tudo que ali estava em cinzas. — Exatamente, o incêndio transformou tudo de modo igual em cinzas.

Estava na ala incendiada a Inspetoria de Terras e Colonização, e o seu titular era o engenheiro Gil Fausto, figura de contagiante simpatia e dono de sensibilidade maior para dar colaboração. — Com ele obtive informações documentais sobre os lotes destinados à administração pública em Indaial. — Com ele colhi esclarecedoras dúvidas.

Aquela Inspetoria arquivava os livros que foram auxiliares mudos do Dr. Hercílio Luz (aquele mesmo federalista insurgente do Combate do Morro do Aipim). — Ela, como repartição pública era herdeira residual, autora primeira da orientação para a ocupação do solo, na Bacia do Itajaí.

E quem pretendesse saber sobre o sucesso da propriedade rural estruturada em lotes ribeirinhos; como também sobre a constante da existência do triângulo social: escola, igreja e cemitério, caracterizador de lugar, no povoamento teuto-brasileiro dali, seria obrigado a recorrer às suas potencialidades.

— Por isso tudo foi cruel e crua a certeza, quando no dia nove de novembro de 1958, fui informado com detalhe que a Inspetoria de Terras e Colonização havia sido alcançada pelo incêndio.

Como se deve entender usei a faculdade racional de anotador (insatisfeito anotador anotando sempre) e agora cato anotações para dizer: que a arqui-

vista escritora Christiana Deeke Barreto trabalhava no sótão da ala incendiada. — Os bens culturais ali amontoados, diretamente (DIRETAMENTE) recebiam o calor do telhado. — Sobressaía das diversas impropriedades a sensibilidade da arquivista: a dignidade pessoal, a inteligência e o interesse em colaborar; como arquivista foi de boa vontade inexaurível.

Redigo que na disciplina germânica dos Deeke e compreensão inteligente própria dos Barreto, aguardava com esperança a conclusão da “CASA DR. BLUMENAU” — E foi por merecer a sua colaboração que agora posso dizer mais sobre o que foi perdido: 1. Informações sobre o 10º Distrito de Blumenau denominado: Benedito-Timbó, 2. Informação sobre a excursão do dr. Blumenau acompanhado do barqueiro Ângelo Dias em 1848. pelo rio Itajaí-açu até a confluência com o rio Benedito, 3. Informação sobre o Quadro Estatístico de Theodor Lüders, 4. Informação sobre o Mapa Estatístico da Colônia de Blumenau de 1869. referente aos imigrantes chegados., 5. Informação estatística de 1872 com base no mapa cadastral de proprietários de lotes. Organizada pelo engenheiro Emil Odebrecht, 6. Informação de 1877. relacionadas com as atividades do comandante da Guarda dos Batedores de Mato, Frederico Deeke, 7. Informação do “Diário de 1864-1882” (atribuído ao dr. Blumenau) com notas de Meteorologia. contendo anotações suplementares do agrônomo Giovanni Rossi. que foram tomadas durante o período em que funcionou na Estação Agronômica de Rio dos Cedros, 8. Informação tomada nos relatórios de 1876 e 1877 (o dr. Blumenau os escreveu com lápis) para o meu conhecimento sobre a relação índio-colono.

